

Teoria Crítica e educação emancipadora

da formação dissimulada à reconstrução do potencial crítico da educação¹

As teorias críticas vêm recebendo, atualmente, especial atenção por parte de pesquisadores em educação. Professores e especialistas de diferentes contextos e de diversas partes do mundo têm se ocupado com a construção de teorias que transformem a educação em um recurso de mudança social e de implementação de uma sociedade mais justa e igualitária baseando-se no referencial comum do materialismo dialético, especialmente na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. No contexto internacional, destacam-se, dentre outros, os trabalhos de Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, Helmut Peukert, Christoph Türcke, Werner Markert, Peter McLaren, Henry Giroux e Stephen Bronner, Wilfred Carr e Stephen Kemmis.

No Brasil, após um período marcado pela influência da pedagogia escolanovista de Dewey, do tecnicismo de Skinner, da pedagogia libertadora de Paulo Freire, da teoria crítico-reprodutivista de Bourdieu, Passeron, Establet e Althusser, da teoria histórico-crítica de orientação gramsciana, desenvolvida especialmente por Saviani, Libâneo e Cury, nos últimos anos têm começado a emergir estudos na área educacional vinculados à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Bárbara Freitag, Olgária Mattos, Pedro L. Goergen, Bruno Pucci, Belarmino Cesar G. da Costa, Newton Ramos de Oliveira, Antônio A. Zuin, Cláudia Abreu, Divino José da Silva, Waldair Casemiro, José Pedro Bouffleur, Mário O. Marques, Wagner L. Weber, Nadjia Her-

1 A equipe executora do projeto é composta pelos professores Eldon Henrique Mühl (Coord.), Nedison Faria, Telmo Marcon, Vilmar Alves Pereira, Elli Benincá, pelo mestrando Júlio Cesar Werlang e pelas acadêmicas-bolsistas do curso de Pedagogia Carla Caus (Fapergs) e Cinara Rizzi Cechin (voluntária).

mann, Wolfgang Leo Maar, Jeanne Marie Gagnebin, Rodrigo Duarte são alguns dos estudiosos que têm procurado encontrar nessa teoria elementos capazes de trazer respostas a inúmeros problemas com os quais se defronta a educação neste final de século e revigorar o seu potencial crítico e emancipador. Depois de um século marcado por duas fortes ortodoxias que acabaram em grandes decepções - o positivismo e suas diversas vertentes e o socialismo real, cuja derrocada encontra sua mais significativa expressão na queda do muro de Berlim -, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt apresenta-se como um referencial que pode oferecer ricas contribuições para o entendimento do processo histórico atual e para o desenvolvimento de uma educação crítica e libertadora.

A crise decorrente do fracasso das duas ortodoxias do século XX atinge medularmente a educação na medida em que a quase-totalidade dos projetos pedagógicos sedimentavam-se sobre essas duas bases. Com a crise do socialismo real e o fracasso de uma sociedade totalmente administrada pela racionalidade instrumental, a educação perde seus referenciais de identidade e esfacela-se em inúmeros conflitos e contradições. Com efeito, ouvimos diariamente manifestações que expressam a sensação de que estamos vivendo um momento de profunda e ampla crise, um momento de um grande paradoxo. Ao mesmo tempo em que assistimos às mutações vertiginosas provocadas pelo desenvolvimento técnico-científico e pela globalização das relações econômicas, constatamos que as pessoas estão sendo tomadas por uma sensação de degradação da qualidade de vida e de perda do poder de reação diante da

nova realidade que se configura. Os indivíduos sentem-se incapacitados de agir diante de um emaranhado de tecnologias e de uma sociedade cada vez mais complexa, confusa e violenta.

Ao lado disso, constatamos que os movimentos e as manifestações de luta e de resistência comprometidas com a promoção da emancipação humana e a instituição de uma sociedade igualitária, mais solidária e humanitária, parecem estar perdendo a luta e se retirando do *front* de batalha. As alternativas, quando surgem, têm se manifestado pouco eficazes no confronto com a complexidade e amplitude dos problemas que diuturnamente emergem. As instituições criadas com a finalidade de se constituírem em recursos de solução dos problemas, como o Estado e seus diversos aparelhos (as entidades culturais e científicas, a educação escolarizada, etc.), apresentam um quadro de crescente enfraquecimento e de muitas limitações para encontrar soluções aos problemas que emergem. Vislumbram-se poucas alternativas no plano das estratégias de mobilização e de reativação dos movimentos de oposição e, menos ainda, no plano da fundamentação de um projeto mais amplo e radical de transformação social.

Em decorrência, prevalece uma situação de desencanto e de estagnação política dos movimentos sociais comprometidos com um projeto de uma sociedade de maior justiça, igualdade e humanidade. Vivem instantes de limitadas perspectivas, de carestia teórica e prática, de falta de base de fundamentação racional. Diante desse quadro, alguns intelectuais chegam a apontar que estamos vivendo o fim das utopias, o fim da história. A humanidade, que acre-

ditava poder superar suas limitações e sua insegurança pela implementação de uma sociedade racionalmente organizada, padece sob o signo de uma nova barbárie.

A crise da sociedade atual, porém, diferentemente de outras crises que a antecederam, assume uma abrangência muito mais ampla e profunda na medida em que coloca sob suspeita não só a cultura surgida sob a égide da razão iluminista, mas, de modo especial, a potencialidade da razão em fundamentar e orientar um projeto histórico. A especificidade da crise civilizatória atual pode ser resumida como a da dúvida no potencial emancipador da razão. Relaciona-se à questão da significação da vida humana e do problema do poder de intervenção da humanidade sobre a realidade por essa vivenciada através da sua racionalidade. Envolve, portanto, o sentido da cultura moderna e a possibilidade da sobrevivência do projeto civilizatório gerado pelo iluminismo.

A crise moderna pode ser caracterizada, conforme afirma Oliveira, como a “crise contra a razão, contra a ilustração, numa palavra, contra a modernidade” (1989, p. 7). É provocada pela “implosão da unidade da razão e da perda das justificações metafísicas” (Prestes, 1996, p. 11). Sua origem localiza-se em duas patologias presentes na concepção de razão surgida a partir da modernidade: o hiperracionalismo e o irracionalismo. Sub ou superestimada, a razão deixou de ser compreendida em seus limites e possibilidades. Não entendida em sua natureza, reduzida em sua dimensão, tornou-se um instrumental de fundamentação de visões dogmáticas e totalitárias e de justificação de atitudes irracionais e relativistas. A razão, alçada a uma condi-

ção plenipotenciária, tornou-se a nova irracionalidade. Cobriu-se do manto do determinismo, da absolutização, o que provocou a negação da sua própria natureza.

Aclamada pelos iluministas como principal instrumento da ação do homem no mundo, fonte do entendimento e de fundamentação de todos os atos da humanidade, ela se tornou, à medida que destruída de sua unidade e universalidade, de seu caráter instituinte, um recurso eficaz para a manipulação inescrupulosa de indivíduos e grupos na implementação de uma nova barbárie. Reduzida a uma dimensão instrumental, foi utilizada para planejar, executar e manter os mais cruéis projetos políticos contra a humanidade.

A educação, como instância medularmente vinculada ao projeto da racionalidade moderna, não foge do mesmo destino. Sua crise sintetiza, de certa forma, a derrocada das idéias e dos ideais da modernidade e do iluminismo, na medida em que a quase-totalidade dos projetos pedagógicos sedimentavam-se sobre essas suas bases. Com o fracasso da sociedade totalmente administrada pelas ciências positivas, a educação perde seus referenciais de identidade e esfacela-se em inúmeros conflitos e contradições. Conceitos fundamentais desse projeto, como universalidade, subjetividade e autonomia, estão sendo colocados em questionamento, enquanto proliferam princípios opostos, como o particularismo, o relativismo, o hiperindividualismo, o determinismo, o totalitarismo e o esoterismo. O mundo, que se pensava ter sido secularizado e desencantado pela razão, torna a ser reencantado pela circulação de novas concepções espirituais poderosas.

Diante dessa constatação, a questão desafiadora que hoje se apresenta aos educadores é: Ainda é possível continuar buscando uma razão esclarecida e uma educação emancipadora? Em outros termos, o projeto pedagógico nascido com o iluminismo está superado ou ainda se apresenta como um potencial de transformação? Essas questões são desafiadoras para todas as pessoas envolvidas com a educação contemporânea. Colocam a todos na obrigação de buscarem uma saída para o problema da fundamentação da educação, pois, caso a emancipação e o esclarecimento não sejam possíveis, a educação perderá sua razão de ser, ou, então, de vez, tornar-se-á um instrumento de repressão e de reprodução social. Em decorrência, pouco ou o nada restará aos professores fazerem, a não ser se submeterem à situação vigente e reproduzirem o *status quo*, sem o menor peso de consciência.

Os educadores comprometidos com uma visão crítica e transformadora da educação não podem render-se a tão infeliz destino. Ao contrário, precisam buscar outra alternativa racional para fundamentar e potencializar o projeto emancipador da educação. Essa alternativa, no nosso entender, pode ser encontrada na reconstrução do conceito de racionalidade desenvolvida pelos teóricos da Escola de Frankfurt, que é o propósito do presente projeto. Sua pretensão é buscar resgatar os principais pressupostos da fundamentação de uma racionalidade emancipadora desenvolvida pela Teoria Crítica e reconstruir os conceitos e argumentos que constituem as bases teórico-metodológicas dos pensadores da escola, avaliando o seu potencial pedagógico. Com isso, pretendemos poder estabele-

lecer juízos analíticos que permitam enfrentar as questões que a situação da educação atual desperta. A investigação centralizar-se-á na análise do *deficit* da racionalidade moderna, explicitando seus excessos e reconstruindo seus potenciais críticos. A hipótese do projeto centra-se na convicção de que a capacidade emancipadora da educação depende de uma concepção de racionalidade que mantém o poder de transformação da realidade interna do homem e da natureza externa de que ele participa.

O projeto integra a linha de pesquisa "Fundamentos da educação na perspectiva da formação do educador", do Programa de Mestrado em Educação da Faed/UPF. Tem como objeto de investigação dois núcleos temáticos: 1) a Teoria Crítica de raiz frankfurtiana, na qual serão identificadas e analisadas as categorias e os conceitos que possam auxiliar na tarefa de reconstrução do potencial crítico e criativo da racionalidade; 2) o processo cultural e educacional atual, pelo qual se tentará compreender as contradições e as estruturas de dominação existentes em tal processo, possibilitando, dessa forma, uma mediação teórico-prática que torne possível o restabelecimento do potencial crítico e emancipador da educação. É uma pesquisa histórico, reconstrutiva, analítica e crítica que tem por objetivo analisar as patologias e as potencialidades presentes no processo educacional vigente com base nos referenciais da Teoria Crítica.